

Beatrice Salvioni

A Malcriada

Tradução de Ana Maria Pereirinha



Pensei que tinha ficado adulta de repente, naquela noite. Em vez disso, a única coisa de que me dei conta foi que não tinha os sapatos.

Reparei nisso em frente ao pátio de Noè Tresoldi. Vinha só de combinação e segurava uma grande chapeleira de cartão que me magoava a anca e a axila. Agarrei-me ao portão, abanei as grades, como se ele pudesse abrir-se só com a minha vontade.

Estava sem fôlego, com um sabor a ferrugem na boca, as plantas dos pés esfoladas. Tinha fugido de casa a correr, sem olhar para trás. O mal começava agora a tornar-se presente, como se durante o tempo da fuga eu não tivesse existido, apenas a minha fúria e o meu espanto.

No meio da escuridão ouvi ladrar, unhas a raspar na terra esfarelada pelo calor. Agachei-me, estiquei um braço através das grades e ofereci a palma da mão. Um focinho veio ter com os meus dedos, uma língua áspera e macia lambeu-mos com entusiasmo.

— Sou eu — disse-lhe baixinho —, sou eu.

Giuditta gania com sons de cachorrinha. Embora tivesse sido atraída pelos homens, amava qualquer pessoa sem reservas, com uma ingenuidade comovente: era um péssimo cão de guarda. Noè tinha ficado com ela porque, dizia, era do tamanho de um bezerro e, no escuro da noite que lhe fazia luzir os olhos, ainda conseguia meter medo. Mas eu sabia que ele gostava muito dela e dos gemidos que fazia quando ele lhe fazia cócegas no espaço entre as orelhas.

Giuditta lambia-me o pulso e eu chamava-lhe «linda». Deu-me vontade de chorar, chamar-lhe «linda». Enxuguei as lágrimas antes de gritar:

— Noè!

Quando tinha vontade de choramingar e sentia vir o ardor do choro, a frase que Maddalena repetia em criança: «chorar é para os estúpidos»; as palavras de uma miúda de treze anos ainda tinham o poder de comandar os meus pensamentos.

Tinham passado quatro anos desde que ouvira pela última vez a sua voz áspera e desdenhosa — na minha cabeça Maddalena não havia crescido nem um dia.

— Noè — voltei a chamar.

Giuditta soltou um uivo, correu pelo pátio, raspava com as patas a porta que dava para a cozinha, depois voltava ao portão, enfiava o focinho entre as grades. Para lá do recinto cheio de caixotes de fruta partidos e tábuas velhas, os gansos grassavam, assustados.

As janelas iluminavam-se a toda a volta, alguém arredava as cortinas e vinha à varanda. As mulheres inclinavam-se, os homens puxavam-nas para trás, voltando a fechá-las em casa.

A porta da cozinha abriu-se, iluminando a noite com uma nesga de luz. O cão trotou até ao último degrau; bateu com a cauda contra o galinheiro, fazendo as galinhas cacarejar em sinal de protesto. A silhueta de Noè emergiu, recortada na luz. Debruçou-se, estremunhado, com os cabelos encaracolados amachucados de um lado, deformados pela almofada. *Giuditta* saltava, arranhando-lhe o peito, e não parava de ladrar mesmo que ele lhe dissesse «chiu, linda, chiu».

Ele desceu os degraus, tentando perceber o que se passava no escuro.

— Francesca.

Desatou a correr na minha direção, os calcanhares afundando-se na terra com um rumor de saraivada de verão. *Giuditta*

seguiu-o a galope, como se fosse uma brincadeira nova que ela queria aprender.

Noè trazia um par de calças esfarrapadas que lhe davam por cima dos tornozelos, largas na cintura, puxadas até ao umbigo. De resto, estava nu.

Dei-me conta de como estava vestida: a minha combinação era de algodão leve, até aos joelhos, de alças finas, uma tinha escorregado e estava ao pendurão, os mamilos largos e escuros sob o tecido. Apertei a chapeleira contra o peito. Noè tinha chegado ao portão e começado a lutar com o cadeado perro que fechava as portas.

— Valha-te Deus, Francesca. O que tens? Não me assustes!

Quem sabe o que terá imaginado quem nos espiava da dignidade dos seus lares. Noè abriu a corrente, estendeu-me uma mão; cheirava a cama quente e a tabaco. Ao vê-lo assim, ao deixar que me visse assim, senti vergonha. Mantive o olhar baixo: ele também estava descalço.

— Vens descalço.

— Queres dizer-me o que te aconteceu? — insistiu, com tal urgência na voz, que me forçou a olhar para ele; tinha os olhos escancarados e a mão ainda estendida. Esperava que eu a agarrasse.

Apertei a chapeleira com mais força contra os seios, amachuquei a tampa com as unhas, que tinha muito curtas: naquela época não parava de as roer.

— Acordei-te.

Repetia coisas óbvias para recuperar a posse daquilo que era verdade, certezas como alfinetes espetados na mentira que tinha descoberto naquela noite.

— Não sabia para onde mais ir.

Noè ficou calado, a medir cuidadosamente as palavras. Recolheu a corrente, fingindo ter sido para isso que estendera a mão desde o início.

— Um copo de leite — disse ele —, posso aquecê-lo, se quiseres. Ou sopa, talvez. Ainda devo ter o suficiente para uma tigela. Conversa-se melhor depois de meter qualquer coisa no estômago.

Afastou-se para me dar passagem, empurrando *Giuditta*, que estava a tentar esgueirar-se entre as suas pernas.

Anuí, agradecida, mas sem convicção porque, de repente, percebi que queria estar noutra lugar, ser acolhida por outra pessoa e não por ele.

— Um copo de leite é bom.

Noè estava encostado ao fogão e não dizia nada.

Estava à espera que fosse eu a falar, mas via-lhe o medo até aos dentes, que cerravam nervosamente a ponta do cigarro enrolado à pressa, que agora se desmanchava, espalhando tabaco na ponta dos dedos e na língua. A cozinha cheirava a fumo rançoso, as forminhas de cobre penduradas nas paredes estavam cinzentas de pó; faltavam algumas nos sítios onde ficara apenas a sua marca. Pôs-me um copo em cima da madeira nua da mesa. Do branco do leite despontava uma colher que tinha mergulhado num frasco de mel; no fundo do copo espalhavam-se ondas douradas. Noè depositou no lava-loiças a caçarola que tinha usado para o ferver, no meio de panelas e pratos sujos de molho, incrustados, que se afogavam numa água cor de cinza. Tirou um fósforo do bolso, raspou-o contra a bancada do fogão antes de acender a pirisca que tinha na boca, protegendo a chama com a palma da mão.

O seu silêncio fazia-me sentir segura. Limpava o tumulto de raiva e ressentimento que acompanhara cada respiração da minha corrida. Ainda assim não conseguia responder à pergunta que me tinha feito em frente ao portão. Mesmo que a razão estivesse toda na chapeleira que continuava a segurar contra o peito.

— Desculpa — disse eu, de repente envergonhada por me encontrar na cozinha de um homem, sozinhos, a meio da noite, sem sequer ter sapatos. Cruzei as pernas nuas, esfreguei um calcanhar contra o outro. — Lamento ter-te acordado.

Ele exalou fumo pela boca entreaberta, observou a ponta incandescente do cigarro.

— Não faz mal.

Passou uma mão pelos cabelos para os soltar, libertar o peso dos pensamentos. Tinha vestido uma camisa à pressa e talvez se tivesse arrependido de ter escolhido aquela, porque continuava a olhar de soslaio, com um ar sombrio, para as manchas de suor seco debaixo das axilas, como se temesse uma acusação de desleixo. Começou a bater com o calcanhar contra os mosaicos, que tinham restos enegrecidos de sujidade nas juntas e padrões de manchas, daqueles em que, quando somos crianças, fazemos concursos para ver quem encontra os monstros mais terríveis.

Eu tinha um animal preso na garganta que me impedia de falar, um grande inseto vivo. Apertando a chapeleira com um braço, estiquei o outro para pegar no leite e provei-o, só para suavizar a voz. Era doce demais, nunca tinha gostado de mel. Este sabia a castanha e camomila. Forcei-me a engolir um pouco.

— Obrigada — disse eu. — É bom.

Noè fungou, esfregou as narinas com o dedo indicador. Desde que me encontrara no Lambro e levava uma tarefa para me defender, o nariz nunca tinha voltado completamente ao sítio; tinha uma reentrância no osso, como se fosse a marca de um polegar. E por cima do olho direito também tinha uma marca onde a carne se tornara fibrosa e espessa; aí, a sobrançelha ficara partida em dois. Olhando para ele, lembrei-me de que a única coisa que já fizera por ele tinha sido causar-lhe dor.

No entanto, quando por acaso eu passava pela loja para o cumprimentar, ou para ir comprar verduras, ele sorria-me

como se eu fosse o melhor momento do seu dia. Dava-me um abraço, apertado e sem hesitações, como quem abraçaria um irmão, um amigo que se viu crescer. Mas havia um cuidado além disso na maneira que tinha de perseverar no abraço por um instante antes de o soltar. Noè era uma das poucas pessoas por quem eu não tinha nojo de ser tocada; sabia, por um instinto da carne, que estava segura entre os seus braços. Era bom ficar ali. Embora eu ficasse mais rendida do que cúmplice dos seus abraços. Durante o resto do tempo em que estávamos juntos ele não me tocava, talvez sentindo em mim a repulsa latente pelos corpos de outros. A sensação de perigo que me incutiam. Só uma vez, uma única, quando eu estava prestes a ir-me embora depois de um inesperado ataque de choro de que me envergonhei, me agarrara na mão e dissera, acariciando-me com os dedos o osso saliente do pulso, a voz de um adulto que faz uma promessa: «Fica.»

Eu, no entanto, tinha-me soltado com precipitação. «Tenho de ir para casa.»

Desde então não voltara a ir visitá-lo. Desde o inverno que já não o via e, para não passar à frente da loja dele, ia à volta.

— Podes dizer-me o que te aconteceu? — desabafou Noè.

— Aconteceu que não posso ir para casa.

Empurrei a cadeira para trás, levantei-me. Os mosaicos estavam frios na planta dos pés, as feridas que fizera ao correr tinham parado de sangrar.

Arranquei a tampa da chapeleira, entornei o conteúdo sobre a mesa. Pedacos de feltro, um dedal que tilintou contra o copo, um lenço com as iniciais da minha mãe, uma tesoura de alfaiate romba. Mas, acima de tudo, cartas. Centenas de cartas cuidadosamente endereçadas. Algumas rematavam com uma frase de bilhete-postal: «Cumprimentos e beijos. Até breve.» Eram da altura em que ainda queria iludir-me de que nos voltaríamos a ver depois das férias. Outras, pelo contrário, com o desespero de um romance de cordel, que só de pensar

nisso me envergonhavam, terminavam com promessas como: «Venderei a alma para te ter de volta.»

Eu sabia isto porque as tinha escrito. Tinha-as escrito a Maddalena. Escrevi-as durante quatro anos. Uma carta pensada durante uma semana inteira e escrita ao domingo à tarde. Aquelas que não acabaram nos envelopes, porque eram demasiado íntimas e desesperadas, acabaram enfiadas entre as páginas de um caderno que, à força de recolher as cópias desgraçadas daquela correspondência de sentido único, se transformara na crónica da sua ausência.

Estavam agora em cima da mesa de Noè. À luz hesitante da lâmpada presa ao teto por um fio de electricidade.

— O meu pai — disse eu num fio de voz — nunca enviou nenhuma.

1.

De Maddalena Merlini, que fora a Malnascida — a portadora de desgraças, a beijada pelo Diabo —, nunca mais se falara. Como daqueles mortos que eram para esquecer porque tinham mordido o cano de uma espingarda ou engolido veneno para os ratos até vomitarem sangue e espuma. Não parece bem falar deles, e as pessoas — depois de especularem até à náusea, exagerando os detalhes mais vergonhosos, e fazerem os necessários esconjuros — preferem esquecê-los.

É certo que Maddalena não estava realmente morta. Mas era um pouco como se estivesse. Desde maio de 1936 que tinha sido enviada, a pedido do *podestà*¹ e com o consentimento unânime dos vereadores, do prefeito e do secretário federal, para o manicómio de Mombello, para junto dos *indesejáveis* e dos *desviantes* que era preciso manter apartados da sociedade civil saudável. Quem estava num manicómio era um animal na antecâmara do matadouro: carne sem a consciência de estar condenada. Nem sequer a ser devorada. Apenas a apodrecer.

Desde o dia em que tinha sido arrastada perante o *podestà*, Maddalena continuara a insistir que tinha sido ela a matar Tiziano Colombo, o rapaz que tínhamos escondido juntas no rio, debaixo da Ponte dos Leões, cobrindo com pedras e ramos o corpo que momentos antes estava vivo e voraz, me segurava

¹ Administrador municipal nomeado pelo governo que, durante o regime fascista, abolidas as eleições municipais democráticas, veio substituir os presidentes de câmara e demais órgãos locais eleitos. O título, como outros neste período em Itália, foi repescado da história da Idade Média e do Renascimento, onde designava o chefe máximo de uma cidade-Estado. (*N. da T.*)

os pulsos, me forçava a abrir as pernas, me esmagava contra os seixos da margem e me intimava: «Está quieta.»

Maddalena, muito séria, jurara ter pedido ao Diabo que lhe devorasse o coração e que ele lhe tinha obedecido, parando-lhe os batimentos cardíacos. Porque a chamar o demónio, a tentá-lo, estão o desespero e a raiva; a impotência da uma criatura que se cansou de ficar no seu lugar.

O *podestà*, que se proclamava homem de fé e de razão, não tinha querido acreditar nesta história. Afinal, quando o cadáver foi encontrado, com as narinas cheias de lama, inchado pela água e roído por ratos, mas com o alfinete do Fascio a reluzir, pouco se tinha percebido acerca de como tinha acontecido. Mas todos concordaram numa coisa: que devia ter sido eu a provocá-lo, que achava que já era grande e talvez gostasse dele porque era lindo. Que estávamos a pedi-las, nós, que nos quisemos encontrar com um homem no escuro do arco de uma ponte, que o havíamos atraído para ali sabe-se lá com que intenções.

*Vis grata puellae*², argumentavam para explicar aquilo que se devia ocultar por detrás da relutância de uma mulher, das suas recusas. É sabido que o macho é macho e que a fêmea cria a oportunidade. Tratava-se de um jogo manipulado, um contrato preestabelecido: se nasces com a carne errada, não te explicam as consequências disso.

O que permanecia um mistério era como podia Tiziano, um homem feito, ter sucumbido a duas miúdas, tanto mais que não lhe foram encontradas feridas mortais. Maddalena, no entanto, não era uma miúda qualquer, era a Malnascida, a que arrasta consigo a desgraça. E eu, que gritara que a tinha

² Expressão latina que significa literalmente «a força agradável à jovem» e que era usada para justificar, de forma literária ou cultural, a ideia de que a resistência feminina ao acto sexual podia ser apenas fingida ou convencional, e até desejada. Surge aqui com ironia, para denunciar essa visão como parte de um sistema de dominação e de violência normalizada. (*N. do R.*)

ajudado e que queria partilhar com ela qualquer castigo que a aguardasse, tal como tinha partilhado a culpa, fui silenciada: era uma criança, agi sob influência.

A voz de Maddalena soara mais alto: repetiu que tinha feito explodir o coração de Tiziano usando as palavras, amaldiçoando-o, porque era o que ele merecia. Aquele a quem chamavam um *rapaz de bem* tinha posto uma criança na barriga de Donatella, a sua irmã mais velha, que abandonou de seguida, enfiava as mãos por baixo das saias das meninas e tentava agarrá-las na margem do rio.

O médico responsável, cujo atestado a tinha internado, escrevera: «Um ser antissocial, prejudicial às pessoas que a rodeiam, de uma inteligência que supera os limites da média, mas totalmente falha de sentido moral.»

«Pensam que me vão prender», zombara Maddalena, uma gargalhada que era como os sinos da igreja, do banco de trás do *Balilla* em que a tinham enfiado para a levar, enquanto eu tentava agarrar-me à porta e escoiceava, repelindo o meu pai, que me queria impedir.

«Vou fugir na primeira oportunidade, não te preocupes», havia prometido.

Ei-la, a última imagem que tinha dela: forçada a sentar-se, erguendo-se para dizer adeus pelo óculo traseiro, sem prestar atenção aos homens que estavam ao seu lado e procuravam à força puxá-la para baixo. Tinha um sorriso desdenhoso, uma expressão de desafio, como se dissesse: até breve.

A sua ausência habitava-me as entranhas e a cabeça. Quem sabe como estaria agora. Quem sabe se imaginaria que eu continuava à sua espera.

Tinha começado todas as cartas para ela da mesma maneira: *Querida Maddalena*. Ali no cimo da página branca, seguido de uma vírgula, como me tinham ensinado.

Mudava de linha e ficava com o aparo em suspenso, tanto tempo que a tinta pingava numa mancha que enxugava com papel mata-borrão.

Então mudava de ideias e riscava o início. «Querida» não era suficiente para exprimir o que eu sentia, e o nome dela, ali, como se estivesse numa lápide, causava-me muita dor. Não me sentia capaz de dizer ou imaginar mais nada, ficava com a cabeça completamente enevoada. «Maddalena» — um nome que não pronunciava há muito. Se o fizesse, a minha voz ter-se-ia esfarelado; cortiça velha.

Assim, depois dessa inscrição riscada por uma linha clara havia apenas um espaço vazio. Era como eu me sentia. A partir daí, porém, conseguia retomar a escrita e, como se fosse um diário, contava-lhe a minha vida sem ela.

As primeiras cartas, que eu enviara pessoalmente, febris, pouco depois de ela ter sido levada, vieram devolvidas: as comunicações com o mundo exterior desestabilizam a paciente, diziam.

Naquela altura, eu passava os dias a chorar, tinha deixado de comer, de lavar o cabelo; se parecesse suficientemente doída, talvez eles me enviassem também para o manicómio.

O meu pai estava com medo de me ver ir à deriva: «Não te preocupes que eu resolvo.»

Conhecia uma servente que fazia limpezas em Mombello, disse-me ele. Era irmã de um dos seus empregados na fábrica de chapéus: em troca de uma recompensa considerável, ofereceu-se para agir como intermediária.

«Mas não me perguntes mais nada.»

«E porquê?»

«Porque é uma coisa perigosa.»

O meu pai nunca tinha sido um tipo de *coisas perigosas*. «Para mim, basta que a Maddalena receba as minhas cartas», disse.

Ele limitara-se a anuir.

E por isso confiei nele. Escrevia, cheia de esperança. Entregava-lhe o envelope e ele contava-me em detalhe os expedientes que a servente inventava para agir em segredo — as irmãs do manicómio tinham mil olhos —, enfiar as cartas entre a colcha e o colchão, debaixo do prato de puré na bandeja do almoço. Imaginava Maddalena a encontrá-las como numa caça ao tesouro. A hesitar um pouco antes de as abrir. Talvez a apertá-las contra si.

Se eu não tinha resposta, era porque eles não permitiam aos doentes que usassem canetas — mantêm-nos afastados de coisas afiadas, sabes? — ou então era porque não tinha vontade e seria melhor eu esquecê-la. Durante todos esses anos acreditei que Maddalena se recusara a escrever-me porque estava zangada comigo, porque me desprezava.

Por essa razão, o meu ódio era agora um prego ferrugento: um pai que mente à filha que chora contra o seu peito comete um pecado que repugna até ao Diabo!

Fantasiava ir até aos portões do manicómio e começar a gritar o nome de Maddalena, trepar às grades e andar à tarefa com quem me tentasse impedir. Mas o hospital dos malucos em Mombello ficava a mais de vinte quilómetros, para lá das estradas rurais que eu não conhecia, e coisas assim eram feitas para pessoas corajosas, que não se importavam com tarefas e perigos; não eram para mim.

Só uma vez, quando ainda punha eu as cartas no correio e elas voltavam com o carimbo «Não entregue», tinha tentado ir ao manicómio. Tinha-me posto a caminho com o orgulho dos meus treze anos acabados de fazer e um mapa amarrotado. Tinha caminhado durante horas. Nos arredores de Muggiò dei-me conta de que estava perdida, o mapa ilegível por causa do suor das mãos com que o tinha apertado. O céu tornara-se negro, o ribombar de trovões ameaçava tempestade. Às primeiras gotas, tinha-me abrigado debaixo de um alpendre, um homem abordou-me, perguntando-me onde

era a minha casa. Queria acompanhar-me e sorria, cúmplice. De tanto correr voltei com as sandálias rebentadas. Não tinha voltado a tentar.

— Já estás acordada?

Noè estava encostado à ombreira da porta que dava para aquilo a que ele chamava a sala de jantar e que, na realidade, nada mais era do que uma sala inabitável, cheia de ferramentas, jornais velhos e caixas de fruta partidas, que ele costumava usar para acender o fogão ou consertar os cercados dos animais no quintal.

Abanei a cabeça, devagar, e deve ter sido o suficiente para ele perceber que eu realmente não tinha chegado a dormir. Reparou no lava-loiças vazio, na placa do fogão limpa, no cheiro a limpeza.

Coçou a cabeça, embaraçado, ou talvez apenas cansado.

— Não devias ter feito isso.

— Não tinha sono.

Obrigou-se a sorrir, mas logo desistiu.

— Sou um péssimo anfitrião.

— Isso não é verdade.

Deve ter dormido encafuado no sofá em frente ao móvel do rádio, naquela sala cheia de trastes inúteis, tão pequeno que ficava de fora a partir de metade da barriga das pernas. Certamente que lhe doeria a nuca, as vértebras esmagadas pelo duríssimo braço do sofá. Insistira em dar-me o quarto que tinha pertencido aos seus pais, depois ao pai e, agora que ficou sozinho, era o seu. Mas assim que espireitei e vislumbrei o colchão com a marca profunda do seu corpo e a litografia com a Sagrada Família à cabeceira, percebi que não ia conseguir dormir ali, por isso voltei para a cozinha. Tinha-me mantido ocupada a esfregar a gordura dos tachos e a superfície de ferro fundido do fogão com uma escova de cerdas de aço.

Tinha dado lustro com cera e varrido o chão; tudo coisas que odiava fazer em casa do meu pai e que adia o mais possível porque detestava que fossem consideradas da minha exclusiva responsabilidade.

Noè penetrou lentamente na cozinha silenciosa, olhando à sua volta como se tudo lhe fosse estranho, pousando o olhar em todo o lado, menos em mim.

— O leite acabou. Desculpa.

— Não faz mal.

Noè merecia uma explicação, motivos mais concretos do que os que eu balbuciara umas horas antes, um plano para o futuro, promessas de compensação. Puxei o banco de debaixo da mesa.

— Senta-te.

— Tenho de ir tratar dos animais — respondeu ele num suspiro, como se pedisse desculpa.

Um rubor de constrangimento subiu-me pelas faces e senti-me mal.

— Claro. Não te preocupes. Finge que eu não estou aqui.

— Tentava ter um tom de brincadeira, como se ter caído em sua casa a meio da noite fosse um jogo com regras antecipadamente acordadas e não algo que poderia tê-lo posto em apuros.

— Já volto.

— Está bem.

Saiu, ainda descalço. *Giuditta* ladrava, muito excitada, com um tão aguardado reencontro. Noè fechou a porta atrás de si, desceu os degraus. Ouvi-o dar uma gargalhada, dizer «Bom dia», a *Giuditta* enquanto atravessavam o pátio, «Guardaste tudo bem?» e, em resposta a um uivo vigoroso: «Linda menina.»

Giuditta tinha dois anos e se fosse menino ter-se-ia chamado *Moisés*: Noè encontrara-a dentro de um saco no Lambro com outros três cachorros e um punhado de pedras roubadas da margem. Moisés salvo das águas. Tinha-a rebatizado *Giuditta* quando se deu conta de que era uma fêmea.

Depois da Malnascida, a Malcriada.

Comparada a grandes escritores italianos — Ginzburg, Moravia, Ferrante —, Beatrice Salvioni confirma neste segundo romance, tão terno quanto furioso, que chegou para firmar o nome no pódio das letras italianas.

«De Maddalena Merlini, que fora a Malnascida — a portadora de desgraças, a beijada pelo Diabo —, nunca mais se falara. Como daqueles mortos que eram para esquecer porque tinham mordido o cano de uma espingarda ou engolido veneno para os ratos até vomitarem sangue e espuma. Não parece bem falar deles, e as pessoas [...] preferem esquecê-los.»

É noite cerrada, e uma rapariga corre descalça pela cidade deserta. Desesperada, raivosa, acaba de descobrir que foi traída por alguém que jamais julgara capaz de a enganar.

Estamos em Monza, Itália, em 1940. Há quatro anos que Francesca não tem notícias de Maddalena, que foi internada num hospício e não responde a nenhuma carta. Francesca desconfia de que a amiga lhe guarda grande ressentimento. Afinal, Maddalena nunca deixou de ser a rejeitada, a malnascida. Acontece que também Francesca pisou o risco e se passou para o lado dos malditos daquela sociedade conservadora e patriarcal: fugiu de casa para ir viver com Noè Tresoldi, provocando um escândalo na família. A mãe acusa-a de ser uma degenerada, uma filha amaldiçoada.

É a este cenário que Maddalena regressa enfim, ainda pequena e ainda mais magra, como se o tempo não tivesse passado por ela e pudesse fingir ser a adolescente corajosa de sempre. Mas os anos passados no hospício deixaram marcas, e agora a guerra está prestes a começar.



«Com um ritmo vertiginoso, que mergulha o leitor na atmosfera daqueles anos terríveis, Salvioni pinta um fresco perfeito [...], fazendo uma dissecação da condição feminina que é difícil de esquecer.»

Corriere della Sera



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-583-625-3



9 789895 836253